



# OS ARRANGISTAS

(Ou os "Africanistas" na politica)



*Los tres, los tres  
Que ves...*

São: o baixo Cerveira, a tiple Amaral e o tenor Andrade

## Politica de mutilado...

*Os monarchicos deitam as unhas de fóra, n'um paiz onde os monarchicos estão fóra da lei, porque estão abaixo de toda a consideração publica.*

*O processo sobre os monarchicos está concluido, fechado. E d'elle se conclue que hoje não ha direito em Portugal de se ser monarchico. Ser monarchico é ser traidor. E não podem traidores ter fóros de cidadão em terra de portuguezes!*

(Do Mundo).

O que acima fica transcripto, veiu publicado ultimamente no *Mundo*, n'aquelle jornal onde o sr. Afonso escreveria, como ali se escreve... se soubesse escrever, o que sendo um illucidativo depoimento é tambem a mais completa auto-biographia que se tem feito d'um caracter, em Portugal.

Vale a pena discutir o desconchavo da affirmação? E' claro que não, por todas as razões d'ordem racional e mais uma: é que, com o *Mundo* não se discute pela mesma razão que se não podem discutir com os irrationaes as suas manifestações pedestres. N'estes casos fricciona-se com arnica; n'aquelles regista-se como symptoma de *passagem de mosca* e nada mais.

Assim, assente que a baboseira, como doutrina, nem sequer chega a merecer a honra da attenção publica, resta apenas encaral'a no seu devido aspecto, e esse aspecto é aquelle que deriva sempre de todos os casos anormaes que infestam as sociedades. O *Mundo* é um *bubão*; quando muito um *kisto*. Vive no nosso meio como um producto de sugidades accumuladas... por falta de *lúcante!* Ali ha de tudo: ha alcool e ha puz; ha pederneira e ha strichinina.

Mas — caso curioso! — o *olho* d'aquelle cálio tem sido indevidamente attribuido a quem, sendo a personificação do *peissimo*, conseguiu contudo encontrar forma ainda mais perfeita de identificar com apparencia de humana, uma *ascorosidade*.

Um caso recente veiu demonstrar esta verdade que ha muito era affirmada até pelos intimos da gazeta da rua de S. Roque: que, quem ali derrama diariamente a mais peçonhenta bilis não é o seu director, mas sim o... *mutilado do harem!*

Fica com isso illib da ou sequer attenuada a responsabilidade do primeiro, em todos os tremendos crimes derivados das doutrinas espalhadas pelo *Mundo*? E' menos repugnante o seu papel? Poder-se-ha concluir que esse homem não tem egualmente instinctos ferozes como os seus sequazes? Não, de forma alguma, porque, *consentindo, applaudindo e achando bem*, tem que partilhar necessariamente dos proveitos... que lhe tributa a consideração publica! Mas se isso se conclue, e logicamente não se pode concluir de maneira diversa, somos tambem obrigados por um espirito de justiça que nunca negamos a ninguem, a aceitar que ainda ha peor do que elle.

A melindrosa situação em que se encontra a saúde do director do *Mundo* faz com que, respeitando essa circumstancia (delicadeza que elle seria incapaz de retribuir e até de comprehender) nos abstenhamos de discutir n'este momento a sua triste personalidade em todos os seus aspectos e responsabilidades. No entanto, devido mesmo a essa razão, nós somos levados a acreditar em face do que temos lido n'aquelle jornal desde que o seu director se ausentou, que... os *intimos* do *Mundo* tem razão. O *ólho* do cálio...

é o outro, é o *mutilado do harem*, que é como os republicanos chamam ao sr. Derouet.

Não ha insidia, não ha denuncia, não ha perseguição, que ultimamente ali não tenha sido estampada, envolta na mais baixa e réles linguagem, porque essa é justamente a sua especialidade.

E' elle pois o *principal*, não pode restar qualquer duvida, e por isso ha que lhe tributar as *devidas honras*, reparando assim tambem um pouco de injustiça, porque não ha o direito de, mesmo entre feras, deslocar nenhuma do seu devido logar, com prejuizo dos seus meritos.

*Os monarchicos estão fóra da lei porque estão abaixo de toda a consideração publica; não ha o direito de ser monarchico porque ser monarchico é ser traidor* — diz elle, e não nos admira, porque o *mutilado do harem* (como lhe chamam os seus correligionarios) tem a raiva inata que ataca todas as pantheras, contra a humanidade.

Ora os monarchicos são humanos... e não teem qualquer particularidade que os destinga nos haren! Tudo, por tanto, explicado...

## PATRIARCHA DE LISBOA

O Thalassa apresenta as suas mais respeitadas homenagens ao Senhor D. Antonio I, pela sua elevação á dignidade cardinalicia, congratulando-se com todos os catholicos pela distincção com que Sua Santidade houve por bem distinguir o illustre Patriarcha de Lisboa.

## Diario da Manhã

A falta de espaço apenas nos permittiu dirigir a este nosso novo collega uma ligeira saudação no ultimo numero d'O Thalassa, por ter coincido o seu apparecimento, com a entrada d'este semanario na machina.

Conhece J. o publico o illustre diario que tão valentemente veiu enlestrar-se na Causa Monarchica, e por isso, torna-se desnecessario encarecer-lhe as qualidades que o distinguem. O *Diario da Manhã* esta feito e a sua reputação formada.

Como erradamente dissemos (por ser esse o convencimento geral) não assumiu a sua direcção o brilhante advogado e nosso prezado amigo sr. dr. José d'Arruela, devido aos seus affazeres profissionaes e combalido estado de saude, o que deveras sentimos. No entanto, José d'Arruela é a alma d'esse jornal, e a prova está todo o carinho que lhe dedica traduzido pela sua pena brilhante de combatente aguerrido, e pela sua bella actividade de temperamento incansavel. Hoje como hontem, o illustre advogado continua affirmando a sua grande energia de luctador a quem as desillusões mais encorajaram para a defesa da Patria, que elle estremece com emocionante e acrisolado amor.

Ao lado do sr. dr. José d'Arruela, occupa tambem um logar de merecido destaque o nome do sr. Joaquim Leitão, antigo secretario do *Correio da Manhã* e que, no novo diario monarchico desempenha eguaes funcções. Felicitando o *Diario da Manhã* por possuir na sua redacção penna de tão superior quillate, saudamos o velho camarada dando os parabens ao publico pelo regresso de Joaquim Leitão ás lides da imprensa diaria onde muito ha a esperar do seu brillantissimo litterario e da sua proficiencia technica.

Como redactor principal, tem o nosso collega o sr. dr. Alberto da Silva que nos consta possuir uma brilhante envergadura de jornalista, e vasta erudição, sendo tambem um acto de justiça distinguir n'um affectuoso abraço o sr. Fausto Villar, dedicadissimo monarchico dos que mais teem soffrido, e que no *Diario da Manhã* occupa um logar em evidencia entre os primeiros redactores, justamente conquistado na sua carreira jornalistica, onde sempre tem brilhado pelos seus dotes de caracter e de intelligencia.

Longa é a relação dos collaboradores do *Diario da Manhã* figurando n'ella nomes consagrados como dos conselheiros Luiz de Magalhães, José d'Azevedo Castello Branco, Martins de Carvalho, Paiva Couceiro, Antonio Cabral, Ayres d'Ornellas, e tantos outros, tornando-se-nos por isso impossivel fazer-lhes referencia com a largueza a que tem jus cada um d'estes distinctos homens publicos. No entanto seja-nos permittido saudar com especial affecto os nossos camaradas Moreira d'Almeida, o grande Mestre e o grande Patriota: Annibal Soares, o saudoso Exilado e o eminente Journalista; e Rocha Martins, o bem-vindo companheiro desiludido que voltou a dar á Causa Monarchica todo o brilho do seu grande talento e da sua eruditissima penna, nomes estes que ao *Diario da Manhã* promettem a sua valiosissima collaboração.

Com tão bellos elementos e com a estima publica, muito productiva ha-de certamente ser a missão do *Diario da Manhã*, para a Patria e para a Monarchia. Significando-lhe mais uma vez a nossa melhor estima, fazemos ardentes votos pelas suas prosperidades.

## Quadros da minha terra

(3.º QUADRO)

### Sr. Esteves, o burocrata

I

O sr. Esteves de Jesus Barboza tem cinquenta annos de idade e vinte e cinco de empregado publico, em serviço ha quinze como amanuense da 3.ª secção da 8.ª divisão do 1.º grupo da 5.ª repartição dos Serviços Fiscaes, Progressivos, Geometricos e Zoologicos da 3.ª Direcção Geral da Fiscalisação Superior, Technica e Financeira do Ministerio do Fomento.

Baixo, grosso, de cabello sempre cortado á escovinha, o sr. Esteves de Jesus Barboza é modelar como funcionario e como homem. Nunca chegou cinco minutos mais tarde á repartição e nunca ergueu os seus olhos pardos e redondos para uma mulher com menos respeito e acatamento.

No seu quarto — um quarto alugado ha quinze annos no Aterro — jámais entrou pessoa extranha á amizade respeitosa dos seus collegas ou ao carinho familiar de sua mana e de suas sobrinhas, candidas e avermelhadas senhoras que residem no Algarve e que apenas veem a Lisboa em occasiões sollemes.

O problema da residencia tinha sido um dos que mais preocupára o sr. Esteves de Jesus Barboza quando da sua vinda para Lisboa, transferido do Governo Civil local pelos regeneradores a pedido do seu cunhado, influente politico e galopim eleitoral.

O illustre burocrata tremeu de satisfação e de receio. A vida da capital attrahia-o e intimidava-o. Sentia soffreguidão por todos esses encantos de Lisboa, que conhecia atravez das illustrações e das narrativas do boticario — um homem superior que já tinha estado oito dias em Sevilha! — mas quedava-se scismatico e receioso, justamente por todas essas bellezas que lhe confrangiam o espirito timorato e puro, fazendo-lhe antever perigos de que intimamente corava desajoso — como corára aos vinte e dois annos no primeiro beijo lubrico estampado nos labios grossos da Joaquina do Outeiro, em uma tarde de agosto abafadiça, á hora da sesta, no palheiro da sua mana.

Resolveu por isso, assim que pizou as pedras da cidade, procurar telhas castas onde fosse tratado como familia, com carinho e recato, com agua quente para os pés e cháinho de limão para as constipações. E por indicação do sr. Januario dos corrios, conterraneo e amigo, foi para casa da D. Adelaide dos Prazeres que tinha quartos e comida por preços modicos e annunciava no *Diario de Noticias* como «Pension para gente honesta nacional e estrangeira».

Mas o sr. Esteves de Jesus Barboza ao fim d'um mez abalou indignado contra as castanholas d'uma Pepita avariada que se installára n'um quarto de paredes miúdas com seu berrando todas as noites «Quando yo estiver moriendo, senta-te á mi cabeceira...» com muitos *ohs* e sapateados. Atordoado com o *salero* e nervoso com os *pinotes* da Pepita, o sr. Esteves de Jesus Barboza só conseguia adormecer tarde com grave risco da sua pontualidade na repartição.

O acaso levou-o então ao Aterro, a um segundo andar com vista de mar e fumo do gazometro.

Ali se installou n'um quarto soalheiro de cama de madeira e cortinados de cretone, com ramagens verdes em fundo amarello.

Não havia mais hospedes; e os donos da casa, um casal roçando nos sessenta, era gente comm-dida e limpa, devota de Santa Brizida e bem temperada de sal na comida.

O sr. Esteves de Jesus Barboza encontrou desde esse dia o socego e a tranquillidade ambicionados; e a capital começou a metter-lhe menos pavor nos seus multiplos aspectos do labyrintho perigoso para a carne e para a bolsa. Fechado no seu quarto, repimpava-se n'uma beatifica indolencia familiarizando-se com os moveis e com o horizonte que atravez a vidraça, via lá longe, nas serras da outra banda, desenhar-se n'uma linha nevoenta e mysteriosa. Assaltava-o então ás vezes a nostalgia do seu canto provinciano, onde tudo lhe era intimo, desde as amendoeiras em flor até aos labios grossos da Joaquina do Outeiro. E, saudoso do perfume casto dos campos algarvios e das caricias intimas da moçoila do palheiro, o sr. Esteves de Jesus Barboza, debruçava-se no peitoril, espraiano do vista sobre o bulicio citadino que se chocava em baixo no vae-vem das ruas. Fixava os mastareos das embarcações e olhava guloso as formas rijas das ovarinas que passavam, gritando, desbragadas; e quando um electrico mais veloz corria na furia do progresso, recolhia-se n'um instincto de prudencia febril e estonteado a recostar-se na poltrona ampla, coberta por um pano de *crochê*, feito em noites de serão.

Consubstanciando-se na intimidade caseira, medroso do riso da cidade e das carreiras vertiginosas dos transportes, divagava o olhar morto, sem expressão, pelas oleographias encaixilhadas em filete dourado que ornavam as paredes do quarto. Sobre a secretaria estreita a *Batalha do Sedan* com rostos manchados do castanho das fardas e fardas coloridas com o louro dos cabellos; e mais para a esquerda n'uma homenagem patriótica e liberal, o Marquez de Pombal expulsando os jesuitas n'um calendario antigo, conservado como patrimonio historico da fabrica das bolachas.

N'aquelle ambiente limpo e confortavel o sr. Esteves de Jesus Barbosa sentia-se bem, porque o seu espirito podia repensar tranquillo sem commoções e perigos.

Levantava-se ás oito e deitava-se á dez, sereno, methodico, collocando sempre as botas d'elastico de fóra da porta, com delicadeza, sem ruido, muito juntas, como duas irmãs gêmeas que fossem hospedes respeitadas.

O fato preto, pendurado todas as noites depois d'uma escovadella cuidada, no cabide da porta, tinha sempre a mesma posição voltado para a parede, resguardado por um lençol. E o mesmo methodo presidia ha quinze annos desde a dobra das ce-routas e das meias feitas a agulha, sobre os pés da cama, até ao papelinho de seda envolvendo a gravata d'algodão e o colarinho de borracha, afagados com um carinho de pae, na gaveta pequena da commoda.

Lia então o folhetim do *Seculo*; e quando chegava ao *continúa* bufava a véla com a placidez d'um justo e adormecia, sonhando com os officios e com o chefe da sua repartição que uma ou outra vez, por infernal capricho do destino, lhe apparecia de ancas torneadas como as da Joaquina do Outeiro.

(Continúa.)



## RAINHA AUGUSTA VICTORIA

Conforme prometteramos no ultimo numero d'«O Thalassa», puzemos já á venda, o retrato de Sua Magestade a Rainha Augusta Victoria trajando á moda do Minho, reprodução da photographia publicadã no nosso n.º 59, que se esgotou.

A edição do retrato de Sua Magestade é propriedade exclusiva d'«O Thalassa» em Portugal e no Brazil, e fizemos-la em cartão «ocouché», de modo a poder constituir uma valiosa recordação da Augusta Soberana.

Não obstante o elevado custo do trabalho, vendemos cada photographia por 60 réis, preço este que só a grande tiragem que fizemos, e o intuito de propaganda, justificam.

Satisfazem-se na volta do correio todos os pedidos, que podem desde já ser feitos á Administracão d'«O Thalassa» rua da Rosa, 162, 1.º D.

Para a provincia acresce o porte do correio.

### Homenagem a Moreira d'Almeida

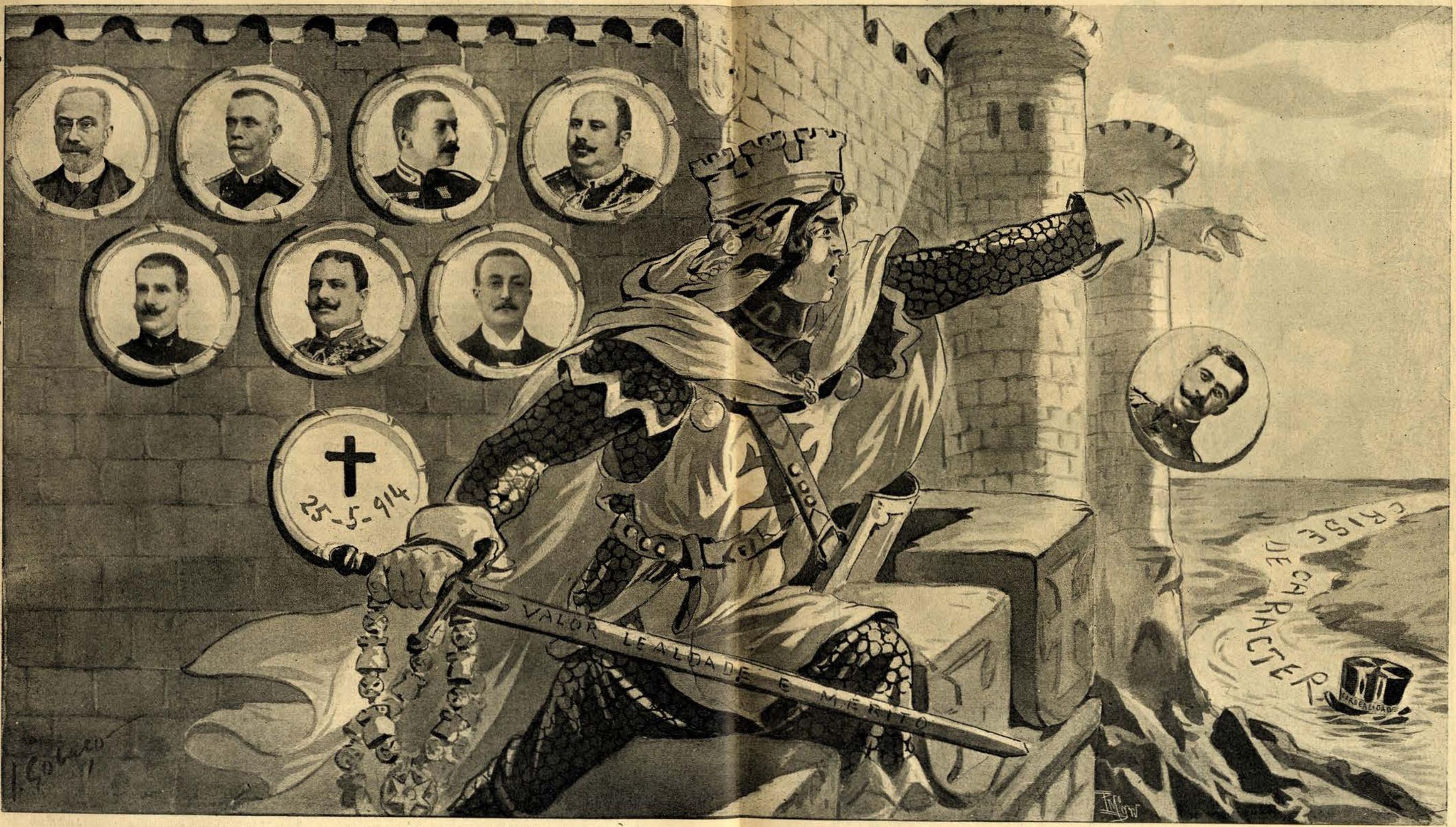
Procedendo, já depois de publicado o n.º 62 d'«O Thalassa», á conferencia das importancias recebidas para o tinteiro d' homenagem ao eminente director d'«O Dia», vimos que, por esquecimento, ficaram sem registo os seguintes donativos:

Total do n.º 62 . . . . .	1:593\$270
Dr. José de Sousa Ferreira . . . . .	2\$500
Alvaro Herculano da Cunha . . . . .	1\$000
J. G. da Costa Caldas . . . . .	1\$000
Dr. Gaspar d'Abreu . . . . .	2\$500
Dr. Almeida Azevedo . . . . .	2\$000
Lista n.º 50 . . . . .	8\$500
<b>Total geral . . . . .</b>	<b>1:610\$770</b>

Lista n.º 50 (Villa do Conde)—Thadeu Pereira Neves, 1\$500; Dr. Francisco Meirelles, 1\$000; Dr. Jorge Faria, 1\$000; José Maria Pereira Junior, 1\$000; Antonio d'Almeida Campo, 500; João Lima, 500; Dr. Antonio Alexandrino Pereira d'Andrade, 500; Francisco B. Figueiredo Faria, 500; Um admirador d'«O Dia», 500; José Aleixo Faria, 500; Antonio Castro, 500; Antonio Coutinho Junior, 500. — Total 8\$500 réis.

Pedindo desculpa aos senhores subscriptores encerramos hoje definitivamente a inscripção.

EXPULSO!...



Resposta do Paiz ao sr. Freire d'Andrade



## Album dos presos políticos

1.º — **Padre João Correia d'Almeida.** — Digníssimo abba-de de Bodiosa, concelho de Vizeu e um dos mais preclaros caracteres da capital beirão. Preso no dia 31 de outubro de 1913 e restituído à liberdade no dia 23 de fevereiro de 1914 por effeito do decreto de 21 do mesmo mez. Esteve incommunicavel durante 40 dias, sem culpa formada.

2.º — **Augusto da Costa Paes de Figueiredo.** — Distincto pharmaceutico em Vizeu. Preso pela 1.ª vez em novembro por suspeitas de estar envolvido nos acontecimentos do mez anterior; foi novamente detido e posto sob rigorosa incommunicabilidade até que, quatro mezes passados, o puzeram em liberdade por falta de provas, depois de o terem sujeitado ás maiores privações.

3.º — **Abel Rodrigues dos Santos.** — De Vil de Saito, concelho de Vizeu. Preso por 3 vezes, por suspeitas de connivencia nos acontecimentos politicos de outubro de 1913 e conservado na clausura, sem culpa formada, durante 109 dias, 55 dos quaes sob rigorosa incommunicabilidade.

4.º — **Manuel Pereira.** — Proprietario e mestre de obras em S. Martinho de Orens, concelho de Vizeu. Foi preso no dia 21 de outubro de 1913 tendo sido empregados os meios mais illegaes e affrontosos, para lhe arrancarem declarações compromettedoras. Entre outros expedientes de tortura, obrigaram-no a passar dias inteiros sem se alimentar nem beber agua. Sofreu 125 dias de prisão sendo os primeiros 58 de incommunicabilidade.



O *mano historico* acaba de dotar a literatura nacional com um novo trabalho de folego com o titulo de *Leis da honra* e sub-titulo de *Codigo annotado do duello*.

Este precioso trabalho é dedicado ao *mano chefe*, como homenagem a fórma alevantada como se tem comportado com Mr. Rivadencyra da Gama, o meticuloso neto do predecessor de Nones, Vasco da Gama, que de Paris o desafiou, offendido por umas phrases gentis com que no parlamento galantemente se lhe referiu.

Vamos decerto assistir a um verdadeiro successo de livraria.

A *Empreza Nacional* tem-se recusado a transportar nos seus paquetes para os portos d'Africa as encomendas postaes, com o fundamento de o Estado lhe dever já uma continha calada por identico serviço já prestado.

Ahi está no que veio a dar a autonomia do *Alfaiatinho do Redondo*.

O deputado Cunha Vazdo accusou na camara o senador Anselmo Xavier de ter falsificado uma relação de revolucionarios do 31 de janeiro, já approvada pelas duas casas do Congresso, substituindo fraudulentamente o nome de um cabo pelo de um sargento, dando a este a recompensa votada aquelle.

Camacho, *leader* da União da Fica, não cre que tivesse havido má fé, mas apenas um erro involuntario; Antonio Zé, o *aviador-mór*, acha que o accusado, como *velho republicano*, não podia praticar de caso pensado actos que o deslustrem; o que parece ser certo é ter-se dado a falsificação.

Só falta agora que Sua Bengosidade accuda com o seu consagrado axioma: onde está um republicano está um homem de bem.

Faustino, senador e mata-grades, arvorou-se no parlamento em advogado de um amigo que pretende construir e explorar no Estoril um grande hotel e um balneario com as *insignificantes isenções da contribuição predial e da de registro*.

Do pão do nosso compadre Paiz grossa fatia ao nosso afilhado Fausto de Figueiredo.

Nos corredores do Senado, o senador democratico Daniel e o seu collega Pimenta, evolucionista, jogam o sopapo e, se os não separam, entrariam as pistolas em acção.

O deputado independente Thiago Salles e o deputado democratico Luiz Derouet, tendo presente que *quem bato com a mão bate de meias*, aggridem-se mutuamente a beiralhada no vestíbulo de S. Bento.

Pois Antonio Zé da agua-raz, que só vê n'estes factos paz e união, harmonia e concórdia, mostra-se apprehensivo com a prescriptiva de uma restauração monarchica, pelo receio de que o Paiz seja arrastado a uma guerra civil pelas divergencias que existem... entre os monarchicos!

Não ha que vêr! Sua Aeroplanencia continua nas nuvens!...

Freire d'Andrade, antes de ir ocupar o logar em que foi precedido por Vasconcellos, *el Tonlo*, especialista em obstetricia, por Macieira, o *Chico das Pegas*, especialista em linguas vivas, e por Sua Bengosidade, especialista em larachas, andou a prestar vassalagem aos varios agrupamentos politicos com representação no Congresso e no governo, não esquecendo, é claro, o centro do banco dos Maduros e o club dos Patos.

Depois de nomeado, e depois de ter guardado no fundo da gaveta os cordões de ajudante de campo de S. S. M. M. D. Carlos e D. Manuel, foi em romaria pelas legações estrangeiras inaugurando uma nova pragmatica de contumelias.

Para principiante não vae mal o D. Mesuras II.

Um official de marinha a um seu conhecido que se dirigia para a missa de suffragio pelo major Correia, assassinado na Covilhã:

—Essa missa é uma provocação!

... E lembrar-se a gente de que o tenente Soares, impunemente assassinado pelo mesmo motivo n'uma das mais concorridas ruas de Lisboa, á clara luz do dia, era official de marinha!

Está certo!...

Mr. Rachelet está dando em Londres as ultimas demãos no seu invento do *comboio volante*.

O nosso Nones, o sabio descobridor dos fusos e das abelhas, trabalha presentemente n'um invento de não menor valor scientifico e de não menos importancia para a humanidade — o aeroplano submarino.

Aquelles macaquinhos não descancam.

## A Monarchia para breve...

### Os seus trabalhos preliminares

A Monarchia assim que fôr restawada tem de empregar os seus primeiros esforços em alguns urgentissimos trabalhos preliminares, antes de se dedicar aos graves e importantes problemas nacionaes. O Thalassa no intuito de facilitar essa tarefa registará n'esta secção o que a Monarchia tem a fazer logo d'entrada para purificar o ambiente...

III



Sellar as portas d'alguns edificios e salgar os respectivos terrenos...

### NEM ESTES!

OITAVOS, 27. — Navegam de norte para o sul duas canhoneiras turcas.

ESPICHEL, 27. — Navega do norte para o sul um cruzador turco.

OITAVOS, 27. — Navegam do norte para o sul mais tres canhoneiras turcas.

Até os turcos passam ao largo!...

### MUITO OBRIGADOS

Pelas gentilissimas palavras com que o *Diario da Manhã* distinguio *O Thalassa* e os seus proprietarios e dirigentes, os nosso mais vivo reconhecimento.

Usem a Agua do Mouchão da Povoá  
No tratamento das dooças de pelle.

## Theatros

**APOLLO**—A revista de André Brun e Chagas Roquete intitulada *D'allo a baixo* está constituindo o acontecimento theatral da epocha. Nascimento Fernandes e Arthur Rodrigues são exuberantes de graça, sendo digno de nota o quadro do *Ministerio*, o da *Brazileira*, pela graça e o final em que toca a nota sentimental. A musica é lindissima e os scenarios de grande effeito, sendo peça para se conservar largo tempo no cartaz.

**RUA DOS CONDES**—Já caminha para as 600 representações a revista «O 31», ampliada com o novo quadro «O 32, salvo seja», que tem numeros de extraordinario agrado. Todas as noites duas sessões com a celebre revista... e todas as noites numeros novos, surpresas e novidades.

**COLYSEU DOS RECREIOS**—Estão a terminár os espectaculos lyricos n'este sumptuoso circo, que continúa a ser o ponto de reunião de tudo quanto ha de mais distincto na nossa sociedade elegante.

Brevemente estreia d'uma nova companhia de opereta italiana Scognamiglio-Caramba, a mais rica em artistas, senarios e guarda-roupa em todo o mundo. Para este limitado numero de espectaculos já ha grande interesse, pois realmente a appareição d'esta companhia, seja onde fôr, faz sempre uma revolução no meio theatral devido ao esplendor com que se apresenta.

### Animathographos

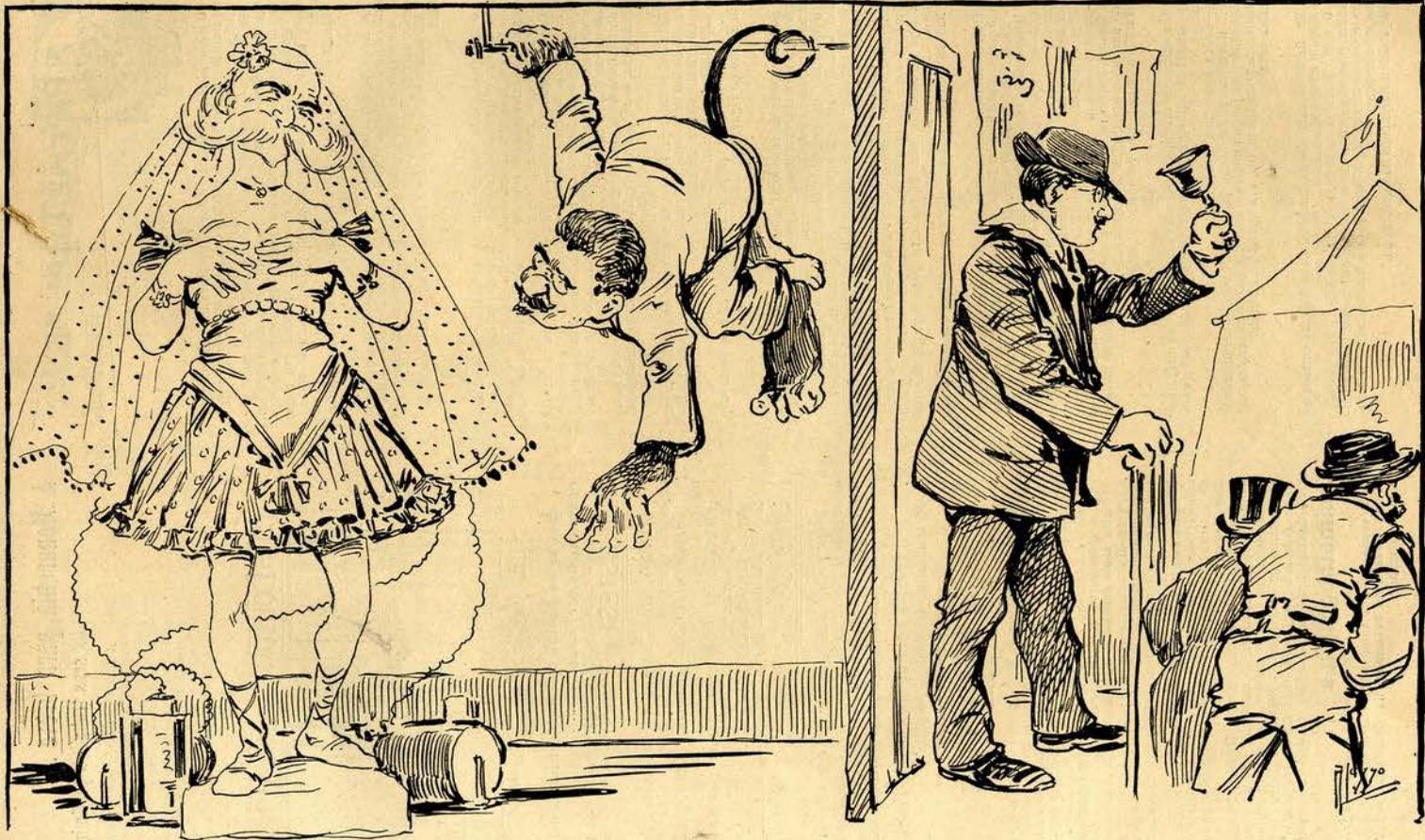
Os melhores e mais bem frequentados:

**Terracei** — Rua Antonio Maria Cardoso. — **Olympia**: Rua dos Condes. — **Sallão da Trindade**: Rua da Trindade. — **Central**: Avenida da Liberdade.

# Nos bastidores da Feira da Rotunda

5 DE JUNHO

O THALASSA



Ultima novidade

O homem macaco e a mulher electrica